

Modelos Iterativos

Objetivo da Aula

Compreender o modelo de desenvolvimento iterativo, apresentando as características, vantagens e desvantagens de modelos de desenvolvimento como Prototipação e Espiral.

Apresentação

Esta aula apresenta os modelos iterativos que tratam o desenvolvimento de software a partir de iterações, isto é, as atividades são repetidas para cada ciclo de desenvolvimento executado.

Dentre os modelos mais conhecidos desta fase estão o modelo chamado de prototipação e o modelo espiral.

No caso da prototipação, protótipos são construídos para a validação imediata junto ao usuário. Esta validação pode ajudar na definição da interface do software, na elicitação e validação de requisitos e também na construção de funcionalidades do software.

O modelo espiral define o desenvolvimento em quatro partes, definição de objetivos, avaliação e redução de riscos, desenvolvimento e validação, e planejamento. É um modelo que possui como destaque importante a validação e mitigação dos riscos do projeto.

1. Os Modelos Iterativos

Os modelos iterativos abordam a construção de software a partir da repetição das atividades do processo de software, conhecidas como iterações, até que o produto esteja disponível para ser disponibilizado para o uso do cliente.

É comum encontrarmos alguns modelos de desenvolvimento que juntam características dos modelos iterativos com os incrementais. Como o desenvolvimento e o gerenciamento de software é algo complexo, a ideia é dividir o trabalho em partes menores a partir de iterações, tendo como resultado de cada incremento.

2. Prototipação

O modelo conhecido como prototipação objetiva a construção de protótipos a cada ciclo iterativo, até que a repetição desse processo resulte na versão final do software.

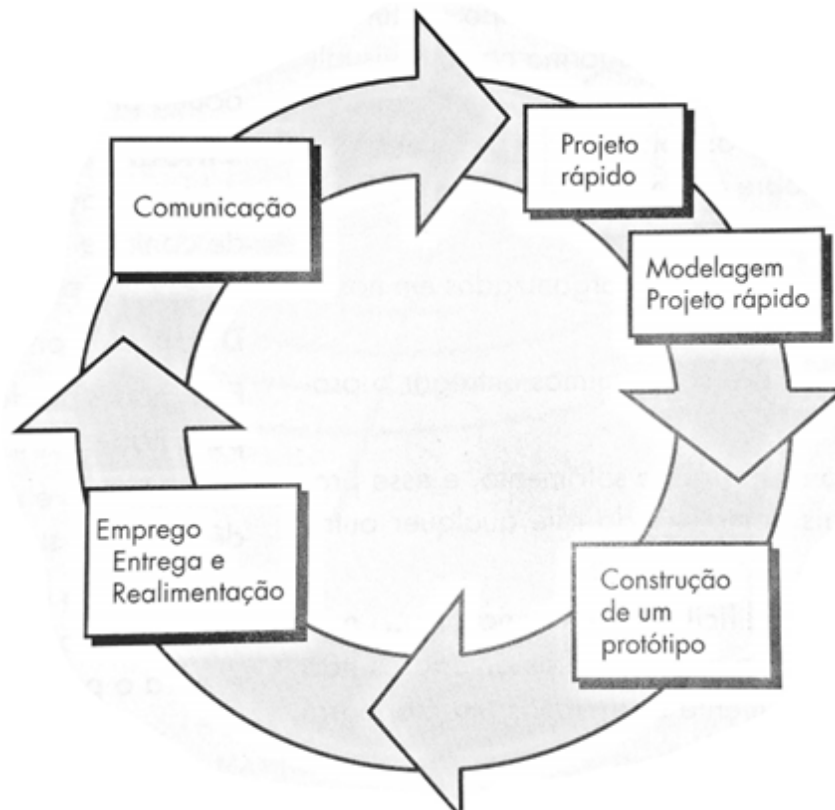
A ideia é que esse processo agilize o desenvolvimento do produto, mas o foco está nas funcionalidades em si, e não no acabamento do produto, o que pode gerar versões incompletas e bastante retrabalho.

O modelo apresenta alguns problemas visíveis. Em primeiro lugar, o usuário tem a impressão de que aquele protótipo está sempre próximo à versão final do produto, e isso pode gerar alguns descontentamentos, pois a produção do protótipo normalmente não considera questões relacionadas à usabilidade e interface.

Em outro prisma, o usuário pode querer já usar o protótipo para resolver problemas críticos, não entendendo que ainda há muito trabalho a ser realizado até que o sistema esteja completamente disponível. De certa forma, deve-se evitar o uso desta abordagem em sistemas com maior criticidade.

Em outro ponto, a prototipação apresenta alguns benefícios observáveis. O primeiro diz respeito à constante interação com o usuário, que deve participar ativamente do processo, para aprovar os protótipos. O segundo diz respeito ao processo de validação imediata que este modelo requer, o que pode acelerar o processo de desenvolvimento como um todo.

Figura 1: O Paradigma da Prototipação



Fonte: PRESSMAN (2019, p. 27).

Na figura 1 verificamos o ciclo iterativo da prototipação, em que o produto vai sendo construído a partir da execução cada ciclo completo.

Apesar de notavelmente apresentar alguns problemas, a prototipagem de sistemas possui algumas boas aplicações. Em casos em que o domínio é completamente desconhecido para o desenvolvedor, a sua aplicação ajuda a quebrar essas barreiras de entendimento do domínio.

Em engenharia de requisitos os protótipos também são bastante utilizados para ajudar na elicitação e validação dos requisitos do sistema que será desenvolvido. E neste ponto estamos falando do processo inicial de análise e especificação de sistemas.

Em um momento posterior, este tipo de abordagem de construção de software também pode ser utilizado para a definição de interfaces e usabilidade do sistema, essa aplicação torna muito mais fácil para o cliente aprovar ou solicitar ajustes na interface do software.

Figura 2: Processo de Desenvolvimento do Protótipo



Fonte: SOMMERVILLE (2011, p. 30)

Na Figura 2 observamos o fluxo do ciclo de vida do protótipo executado até sejam finalizadas todas as implementações levantadas na atividade de especificação de software.

Na fase inicial devem ser estabelecidos os objetivos do protótipo, que podem ser para validar a interface, validar requisitos ou para a demonstração da viabilidade do projeto de software.

A seguir deve-se estabelecer que requisitos serão incluídos o protótipo, no que chamamos de definição geral do protótipo. O desenvolvimento do protótipo vem logo a seguir, gerando então um projeto executável.

Por fim, há a necessidade de avaliação do protótipo. Nesta etapa um relatório deve ser construído visando apontar as falhas descobertas pelos usuários e os ajustes que devem ser feitos, como tempo de resposta e usabilidade, caso estas funcionalidades tenham sido definidas no plano de prototipação.

É importante destacar que os protótipos são ótimas soluções quando empregadas com outras técnicas. Há uma série de softwares disponíveis na web para a elaboração de protótipos funcionais e de interface.

Link

Prototipagem: o que é e 10 ferramentas para fazer o seu protótipo.

Disponível em: <https://49educacao.com.br/mvp/prototipagem/>. Acesso em: 02 nov. 2022.

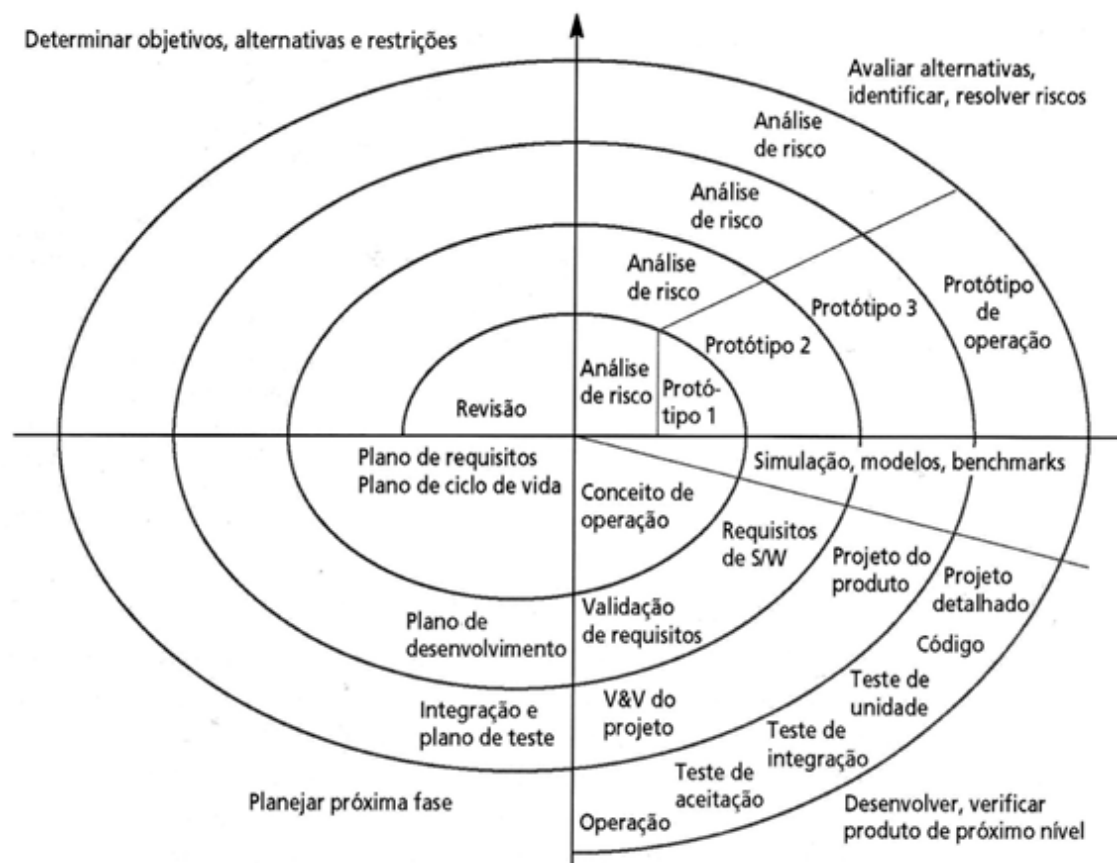


3. Espiral

Alguns processos de software acabam agregando a união de paradigmas para a geração do seu próprio modelo. Este é o caso do modelo Espiral, concebido como uma tentativa da união do ciclo tradicional cascata com o modelo de protótipos, propondo o desenvolvimento em partes.

Este modelo possui quatro atividades: definição de objetivos, avaliação e redução de riscos, desenvolvimento e validação, e planejamento. É importante o entendimento de que estas fases possam ter nomes diferentes em algumas outras literaturas. A que abordaremos aqui se chama Modelo Espiral de Boehm.

Figura 3: Modelo Espiral de Boehm



Fonte: SOMMERVILLE (2011, p. 33)

A Figura 3 especifica o modelo espiral considerando todas as atividades realizadas em cada uma das suas quatro fases.

Na fase de definição de objetivos, são definidos os objetivos, alternativas e são identificadas as restrições ao processo e produto. É necessária a construção de um plano de gerenciamento detalhado, assim como uma lista com os riscos do projeto que foram identificados.

Na fase de validação e redução de riscos, deve-se montar uma estratégia para mitigar cada risco encontrado na fase anterior. Em desenvolvimento e validação é definido um modelo de desenvolvimento do sistema.

A fase de Planejamento encerra o ciclo, e é o momento em que o projeto é revisado e o próximo giro no espiral é definido.

Apesar de ser um modelo realista, principalmente por conta da observação quanto aos riscos do projeto, o convencimento da sua adoção é difícil, pois o gerenciamento deste tipo de projeto não é trivial, justamente por conta das sucessivas evoluções. Deve-se considerar preocupar-se com uma análise de riscos muito bem elaborada.

Considerações Finais

Nesta aula vimos dois importantes modelos de elaboração de software chamados de Prototipação e Espiral. Esses modelos são baseados em iterações, ou seja, suas atividades são repetidas várias vezes até que o projeto seja finalizado.

O ciclo de vida prototipação trabalha com a implementação de protótipos que podem ser utilizados para diversos fins de validação junto ao cliente, como interfaces, requisitos e até na execução de funcionalidades.

Já o ciclo de vida em espiral requer dinamismo na implementação e experiência na definição, pois aborda o seu desenvolvimento com bases em iterações e incrementos. É um modelo importante por se preocupar em levantar e tratar os possíveis riscos de um projeto.

Materiais Complementares

**Vídeo**

Prototipação, saiba porque esta etapa é fundamental! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8YbAHNCv9-w>. Acesso em: 02 nov. 2022.

Referências

PRESSMAN, R. G. *Engenharia de Software*. 9ª ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2021.

SOMMERVILLE, I. *Engenharia de Software*. 10ª ed. São Paulo: Pearson Addison. Wesley, 2019.